

7

Referências Bibliográficas

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino.** História – UNESP, São Paulo, v.22 (1), p. 183–193, 2003.

ADORNO. Theodor W. **A indústria cultural.** In: Gabriel, Cohn (org.). **Adorno.** Coleção Grandes Cientistas Sociais, SP: Ática, 1994, p. 93-99.

ADORO CINEMA. Disponível em: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br>. Acesso em 07 jul. 2007.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Milton José. **A linguagem da nova oralidade – imagens e sons.** Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993, p.117-124.

ARIAS, José Miguel Neto (org.). **Dez anos de Pesquisas em Ensino de História.** Londrina: AtrioArt, 2005.

BENCINI, Roberta. **Filme na aula de História: diversão ou hora de aprender?** In: Revista Nova Escola, edição 182, maio de 2005. Fundação Vitor Civita, Abril, p. 46-51.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, primeira versão.** In: Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BERNADET, Jean-Claude & RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e história do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

BEZERRA, Holien Gonçalves. **Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos.** In: Karnal, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 37-48.

BITTENCOURT, Circe. **Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história.** In: Bittencourt, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-27.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias**. 1994.

BRITO, Ângela X. e LEONARDOS, Ana Cristina. **A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico**. Cadernos de Pesquisa, nº113, 2001, p. 7-38.

CARNES, Mark C. (org.). **Passado imperfeito: a história no cinema**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 11-28.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, nº 24, julho/dez. 2004, p. 213-226.

DUARTE, Rosália (*et al.*). **Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema**. In: Setton, Maria da Graça (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004, p. 37-52.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; KORNIS, Mônica Almeida. **Entrevista com Phillippe Dubois**. In: Estudos Históricos – História e Imagem, RJ, vol.34, julho-dezembro, 2004, p. 139-156 (02/ 12/ 2003).

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRANCO, Marília. **Você sabe o que foi o I.N.C.E.?** In: Setton, Maria da Graça (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: Usp, 2004, p. 21-35.

FRANCO, Marília da Silva. **A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais**. Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993, p. 15-34.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: Geertz, C. **A Interpretação das Culturas**. Editora Guanabara, RJ, 1989, p. 13-41.

HISTÓRIA NET. A NOSSA HISTÓRIA. Disponível em: <http://www.historianet.com.br>. Acesso em: 07 jul. 2007.

HOBBSAWN, Eric. **O século: Vista Aérea – olhar panorâmico.** In: Hobsbawn, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 11-26.

HOBBSAWN, Eric. **As artes 1914-45.** In: Hobsbawn, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 178-197.

KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema: um debate metodológico.** In: Estudos Históricos, RJ, vol.5, n° 10, 1992, p. 237-250.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **História e Cidadania: por que ensinar história hoje?** In: Abreu, Martha & Soihet, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 168-184.

MARCEL, Martin. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

METZ, Christian. **A respeito da impressão de realidade no cinema.** In: Metz, Christian. **A significação no cinema.** São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 15-28.

MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Anais do V Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.** Rio de Janeiro, Cd-rom, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, José Miguel Arias (org.). **Dez anos de pesquisas em ensino de história. VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História.** Londrina: Atrito Art, 2005.

PLANETA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br>>. Acesso em 07 jul. /2007.

RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela. **Cinema–Teatro-Ensino de História: proposições temáticas e apontamentos metodológicos.** In: Cardoso, Heloisa Helena Pacheco; Machado, Maria Clara Tomaz (orgs.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens.** Uberlândia, EDUFU, 2005, p.177-196.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos: cinema e história do Brasil.** Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 9-48.

ROCHA, Antônio Penalves. **O filme: um recurso didático no ensino da história?** Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993, p. 69-86.

SALIBA, Elias Tomé. **As imagens canônicas e a História.** In: Capelato, Maria Helena (*et al.*). **História e cinema.** São Paulo: Alameda, 2007, p. 85-96.

SALIBA, Elias Tomé. **Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens.** In: Bittencourt, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004, p.117-127.

SALIBA, Elias Tomé. **A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica.** Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993, p.87-107.

SALIBA, Elias Tomé. **História e Cinema: a narrativa utópica no mundo contemporâneo.** Coletânea Lições com Cinema. São Paulo: FDE, 1993, p.61-82.

SETTON, Maria da Graça. **Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico.** In: Setton, Maria da Graça (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação.** São Paulo: Annablume: Usp, 2004, p. 67-78.

SCHVARZMAN, Sheila. **História no cinema/ História do cinema.** In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional da ANPUH.** Disponível em <http://www.mnemocine.com.br> -acessado em 07/02/2006.

SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge. **A História vai ao Cinema.** Rio de Janeiro: Record, 2001, p.7-15.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Cinema e História ou Cinema na Escola.** In: Primeiros Escritos, Laboratório de História Oral e Imagem – UFF, nº 1, julho – agosto, 1994.

SORLIN, Pierre. **Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história.** In: Estudos Históricos, RJ, vol. 7, nº 13, 1994, p. 81-95.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro & LOPES, José de Souza Miguel (orgs.). **A escola vai cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 9-24.

ANEXOS

Filmografia citada pelos professores entrevistados (ano, país, diretor):

- A batalha de Argel:** 1965, Itália/Argélia, Gillo Pontecorvo.
- 1492 A conquista do Paraíso:** 1992, ESP/FRA/ING, Ridley Scott.
- Agonia e êxtase:** 1965, EUA, Carol Rud.
- A guerra do fogo:** 1981, FRA/CAN, Jean-Jacques Annaud.
- A lenda do tesouro perdido:** 2004, EUA, Jon Turteltaub.
- A lista de Shindler:** 1993, EUA, Steven Spielberg.
- Amistad:** 1997, EUA, Steven Spielberg.
- A outra história americana:** 1998, EUA, Tony Kaye
- Arquitetura da destruição:** 1992, Suécia, Peter Cohen.
- Carlota Joaquina, Princesa do Brasil:** 1995, Brasil, Carla Camurati.
- Casanova e a Revolução:** 1982, Itália, Ettore Scola.
- Cidade de Deus:** 2002, Brasil, Fernando Meirelles.
- Danton, o processo da Revolução:** 1982, FRA/Polônia, Andrzej Wajda.
- Dança com lobos:** 1990, EUA, Kevin Costner.
- Deus e o diabo na terra do sol:** 1964, Brasil, Glauber Rocha.
- Elisabeth:** 2000, EUA, Shekhar Kapur.
- Em nome de Deus:** 2002, Inglaterra, Peter Mullan
- Germinal:** 1993, França, Claude Berri.
- Guerra de Canudos:** 1997, Brasil, Sérgio Rezende.
- Hans Staden:** 2000, Brasil, Luiz Alberto Pereira.
- Hotel Ruanda:** 2004, EUA/Itália/ África do Sul, Terry George.
- Indochina:** 1992, França, Régis Wargnier.
- Jango:** 1984, Brasil, Silvio Tendler.
- Johnny vai à guerra:** 1971, EUA, Dalton Trumbo.
- Lutero:** 2003, Alemanha/EUA, Eric Till.
- Matrix:** 1999, EUA, Andy Wachowski e Larry Wachowski.
- Mauá, o imperador e o Rei:** 1999, Brasil, Sérgio Rezende.
- Mississippi em chamas:** 1988, EUA, Alan Parker.
- Nós que aqui estamos por vós esperamos:** 1988, Brasil, Marcelo Masagão.

- O cálice sagrado:** 1954, EUA, Victor Saville.
- O feitiço do tempo:** 1993, EUA, Harold Ramis.
- O Gladiador:** 1965, EUA, Ridley Scott.
- O Grande Ditador:** 1940, EUA, Charles Chaplin.
- O homem da máscara de ferro:** 1998, EUA, Randall Wallace.
- O incrível exército de Brancaleone:** 1965, Itália, Mário Monicelli.
- O jardineiro fiel:** 2005, EUA, Fernando Meirelles.
- O jarro:** 1994, Irã, Ebrahim Foruzesh.
- O outro lado da nobreza:** 1995, EUA, Michael Hoffman.
- Outubro:** 1927, URSS, Serguei Eisenstein.
- O ovo da serpente:** 1977, Alemanha/EUA, Ingmar Bergman.
- O pianista:** 2002, França, Roman Polanski.
- O triunfo da vontade:** 1934, Alemanha, Leni Riefenstahl.
- Os anos JK:** 1980, Brasil, Sílvio Tandler.
- Queda- as últimas horas de Hitler:** 2004, Alemanha/Itália, Oliver Hirschbiegel.
- Queimada:** 1969, Itália/França, Gillo Pontecorvo.
- Rainha Margot:** 1994, ALE/FRA/ITA, Patrice Chéreau.
- Revolução de 30:** 1980, Brasil, Sylvio Back.
- Sonhos Tropicais:** 2002, Brasil, André Sturm.
- Tempos Modernos:** 1936, EUA, Charles Chaplin.
- Tróia:** 2004, EUA, Wolfgang Petersen.
- Xica da Silva:** 1976, Brasil, Carlos Diegues.
- Zuzu Angel:** 2006, Brasil, Sérgio Rezende.
- 11 de setembro:** 2002, França, Alejandro González Iñárritu (México), Youssef Chahine (Egito), Amos Gitai (Israel), Shohei Imamura (Japão), Claude Lelouch (França), Ken Loach (Reino Unido), Samira Makhmalbaf (Irã), Miranair (Índia), Idrissa Ouedraogo (burkina- Faso), Sean Penn (EUA) e Danis Tanovic (Bósnia – Herzegovina).

Roteiro das entrevistas.

1. Por que ensinar História?
2. Qual o significado do cinema para você?
3. Que relações você estabelece entre cinema e ensino de história?
4. O que o leva a fazer uso de filmes em sala de aula?
5. Como você escolhe os filmes que vai exibir aos seus alunos?
6. Que critérios você adota na seleção?
7. Você define previamente os objetivos da atividade? Em geral, como faz isso?
8. Como se dá o uso dos filmes em suas aulas? O que você faz? Você pode descrever detalhadamente?
9. De que forma você avalia o resultado dessas atividades junto aos seus alunos?
10. Você enfrenta dificuldades para fazer esse tipo de trabalho na escola? De que tipo?
11. Você dispõe de acervo nas escolas em que trabalha?
12. Qual o maior desafio que você vive para fazer uso de filmes junto aos alunos?
13. Qual sua avaliação geral sobre os resultados do uso que você faz dos filmes em suas aulas?

Entrevista com a professora Helena Araújo.

1. Por que ensinar História?

- Esta pergunta é a pergunta que não quer calar nunca, a gente se faz a vida inteira, não é? Para que serve o ensino de história, por que a gente ensina história... Para que a gente possa trabalhar com uma memória com nossos alunos, para que a gente possa formar um leitor e um consumidor crítico no mundo atual, para que a gente possa ampliar seu horizonte enquanto cidadão... Na sua dimensão política, para que ele possa se posicionar no mundo de forma mais consciente, mais crítica. Na minha opinião, na educação básica a gente não vai formar pequenos historiadores, o sentido da história na educação básica é trabalhar numa ampliação da cidadania, numa democratização de um acesso ao saber, do conhecimento mais sistematizado, que é uma obrigação da própria escola. Então, este é o sentido da história. E principalmente trabalhar esta coisa do consumidor e do leitor crítico, mais consciente de suas escolhas, de suas escolhas políticas, pessoais, em todos os sentidos.

2. Qual o significado do cinema para você?

- Eu adoro cinema desde pequena, me lembro de ir ao Metro Tijuca com meu pai assistir sessão de Tom e Jerry, domingo de manhã. Então, cinema é uma coisa assim que me encanta, muito antigo. E particularmente no ensino de história, com todas as críticas que a gente possa trazer, muitas vezes àquela produção que historicamente não está tanto do gosto da gente, dos historiadores... Eu acho que sempre tem mais pontos positivos do que negativos, porque a gente pode trabalhar o cinema no seu lado crítico, também na análise do que a gente possa discordar do filme. Mas ele sempre traz a possibilidade de uma concretude, num momento em que nossos alunos, principalmente, de quinta à oitava, a história ainda é uma das disciplinas mais abstratas. E aí, segundo Piaget, a noção de tempo é a mais difícil da criança concretizar, ela ainda vem depois da de espaço. Então, ter a habilidade da reversibilidade temporal, nem sempre, antes dos doze, treze anos, está concretizada nos nossos alunos. É claro que tem as questões culturais que envolvem, mas existe também este dado que a gente não pode menosprezar. Eu não sou piagetiana, mas

acho que a gente tem que conhecer isso. E o filme nos traz a possibilidade deste resgate no imaginário, mesmo que às vezes não seja tão perfeito quanto os historiadores gostariam, mas a gente pode trabalhar com isso. Então, acho que isso incentiva muito os alunos, eles gostam, eles têm prazer e isso educa muito.

3. Que relações você estabelece entre cinema e ensino de história?

- Eu acho que é sempre importante a gente situar com os filmes que trabalha em sala: de quando é a produção, quem é seu cineasta, diretor, em que país este filme foi produzido, para que os alunos tenham a noção de que este filme também traz uma história com ele. Ele se faz dentro de um contexto cultural. Sobre esta questão eu tenho quase como um mestre o Tomaz Tadeu que, no “Documentos de identidade”, tem um texto que fala “toda pedagogia é cultural e toda cultura é pedagógica”. Então, através das manifestações culturais, eu vejo o cinema como uma linguagem da arte dentro de um campo amplo da cultura, que evidentemente ele educa, evidentemente ele ensina, quer a gente queira ou não, como a televisão também. Mas o filme, especificamente, quando ele é um filme histórico que a gente possa trabalhar na nossa sala, ele nos permite através desta educação, muitas vezes, de formação da identidade, da subjetividade daqueles sujeitos, a gente interrelacionar com os fatos históricos que o aluno sente mais vivo, mais próximo, mais representado, mesmo que a gente venha até discutir algumas representações que o filme venha a colocar.

4. O que o leva a fazer uso de filmes em suas aulas?

- Esta é uma questão polêmica. Eu me sinto muito segura da minha escolha por filmes. Ainda, lamentavelmente, na maioria das escolas que a gente trabalha, isto nem sempre é bem visto pelas coordenações pedagógicas. Ainda há um rótulo de que o professor que está passando filmes está enrolando, entre aspas. Eu sou muito segura e tenho a certeza de que não é este o caminho. O uso do filme na sala de aula vem num sentido, não só metodológico, mas filosófico, que eu acho que é o mais importante. Não é usar só o filme pelo filme, para matar o tempo ou distrair os alunos. Mas usar o filme numa proposta construtivista de construir o conhecimento histórico. E aí eu acho que ele é uma ferramenta fundamental: como a história oral, a música de época,

os textos primários e secundários, etc. Então, eu vejo o filme muito mais como uma fonte.

5. Como você escolhe os filmes que vai exibir aos seus alunos?

- Em um primeiro momento, as escolhas acabam sendo mais pessoais. Na verdade, eu vou ao cinema, muitas vezes, quando um filme é lançado. Por exemplo, agora, sábado, eu recebi um convite para assistir “Zuzu Angel” no Unibanco Artplex, às 11 horas, e o cineasta e o Gilberto Dimenstein vão estar discutindo o filme com uma plateia, que parecer ser, só de professores, e eu por sorte recebi um convite na outra escola em que trabalho. Então, muitas vezes é assim: eu vou porque recebi um convite; porque leio a sinopse no jornal e gosto; eu sou freqüentadora de cinema. O cinema faz parte da minha vida, como eu já falei: eu gosto muito. Normalmente é assim: ao assistir esses filmes, evidentemente, eu já tenho um olhar trabalhado de pensar como é que eu posso usar isso na aula. Então, eu começo a pensar em que aula eu posso encaixar aquele filme, em uma proposta, não só dentro do ensino de história, mas muitas vezes formativa, educativa. Por a gente trabalhar num colégio e com formação de professores há muitos anos, como professora de Prática de Ensino de História, a gente sempre está procurando caminhos para melhorar o aprendizado, o ensino de história. E aí eu começo a descobrir filmes. Muitas vezes eu aprendo muito com meus estagiários que trazem filmes bons, que me recomendam. E como eu sou antenada e gosto disso, eu procuro os filmes para ver previamente e poder passar nas turmas. Inclusive eu tenho um catálogo do Cap-UFRJ de vídeo, muito bom, feito por vocês, com análise.

6. Que critérios você adota na seleção?

- Primeiro, que sejam filmes dramas históricos. Isto é básico. Se eu estou trabalhando numa turma da pedagogia ou de políticas públicas, aí é diferente. Eu vou ampliar meu leque e trabalho até “O jarro” para discutir a relação aluno-professor, autonomia, avaliação... Aí é um outro caminho. Mas, na Educação Básica, como professora de história, eu vou pensar um filme que trás um cenário histórico. Então, é “1492”, “Danton”, “Germinal”... Filmes que iriam na linha histórica, de um drama histórico.

Esse é o primeiro ponto. O segundo ponto seria se ele é um bom filme; como ele é colocado pela crítica; qual é a qualidade do filme; e a adaptação à faixa etária, evidentemente. Eu acabo conseguindo mais filmes para o ensino médio do que de quinta à oitava, muitas vezes. Recentemente, eu consegui comprar no sebo do Unibanco “O incrível exército de Brancaleone” que eu acho fantástico para trabalhar Idade Média, Cruzadas... Mas é mais difícil a gente ter um filme histórico, com uma consistência histórica interessante, de qualidade, que a gente possa usar. Então, os critérios são basicamente esses: o primeiro, ser um filme histórico; depois, a qualidade do filme, o que há de crítica sobre ele; e o terceiro, a adaptação ou não à faixa etária que eu estou trabalhando naquele momento.

7. Você define previamente os objetivos da atividade? Em geral como faz isso?

- Eu sempre penso o filme como uma incentivo a um tema a ser dado. Sei, e sempre discuti isso com os alunos de prática (de ensino de história), que há professores que vão trabalhar, por exemplo, movimentos de contestação ao capitalismo; então, eles vão dar todos os movimentos para depois passar um filme. E o filme, neste caso, serviria para a fixação de um conteúdo ou crítica sobre o filme a partir do conteúdo que eles deram. Particularmente, não gosto de usar assim. Eu gosto sempre de usar o filme como uma incentivo. Eu falo muito pouco sobre o tema. Na hora em que já estamos na sala de vídeo, eu contextualizo o cineasta, o ano do filme, o país em que ele foi feito, dou uma idéia geral da sinopse e começo o filme, pois eu acho bacana assim. Portanto, para mim, o filme é um disparador de conhecimento, digamos assim, para você construir conhecimento. Depois que acabamos de ver o filme, e por isso eu não gosto de cortar, eu gosto de passar o filme dois, três tempos, pois é um crime cortar “Tempos Modernos” do Chaplin, por exemplo. Eu falo assim: “Quem sou eu!”. Não tem uma aula de história que substitua um “Tempos Modernos”. E o bom é que eles possam ver, até porque a gente sabe que muitos deles não terão oportunidade de em casa ou em outros lugares de assistir aquele filme, com o qual eles vão aprender muitas coisas: ou um outro olhar, uma outra mensagem. E depois a gente faz um debate, trabalha-se com um roteiro sobre o filme, que é um aspecto metodológico que eu sempre trabalho. Todo filme tem

roteiro. O roteiro é feito em dupla ou trio. Vale nota, sim. Faz parte da construção do conhecimento. E depois, a gente vai para um texto teórico, que aí sim, serve para amarrar o conhecimento, fazendo alusão sempre ao filme. Então, o filme faz parte do desenvolvimento daquela unidade até o final.

8. Como se dá o uso dos filmes em suas aulas? O que você faz? Você pode descrever detalhadamente?

- Como já falei, tanto aqui na escola pública ou em uma particular, eu gosto muito de utilizar ele, num primeiro momento, para abrir uma unidade. Se vou abrir uma unidade sobre Expansão marítima e comercial, eu começo com “1492”. A gente vê o filme inteiro, eu comento. Acho importante que durante a exibição a gente ajude os alunos a trabalhar um olhar crítico. Eu evito estar parando o filme toda hora porque é muito chato: os alunos ali empolgados e o professor parando o filme de cinco em cinco minutos! Mas eu tento, em alguns momentos, ir falando algumas coisas durante a exibição do filme. E, quando acho muito, muito importante, em casos excepcionais, eu dou uma paradinha no vídeo ou no DVD e faço algum comentário, tiro alguma dúvida e a gente retorna ali. No final do filme a gente sempre discute, não muito tempo, pois em geral as perguntas vão acontecendo. E como costumamos ver todo o filme, eu brinco com os alunos que meus filmes são como novela: começam num dia e acabam no outro [risos]. Dependendo do dia, chegamos a três dias. Mas é muito rico o que surgem de perguntas. Acho que eles não esquecem mais.

9. De que forma você avalia o resultado dessas atividades junto aos seus alunos?

- Como a gente não pode entrar num laboratório, algo como um túnel do tempo, que seria um laboratório de história, o filme traz um pouquinho desse resgate da memória através de imagens que, evidentemente, são construídas, são representações sociais, mas que se não tivéssemos ficaria tudo mais árido. Isso eu percebo na prática. Não adianta a gente negar o quanto vivemos num mundo imagético. E o professor tem que começar a dar conta disso, cada vez mais. Então, essa é uma questão. Mas existe um outro lado, como educadora, como formador e transformador de subjetividade e formador de identidade, como diz o Tomaz Tadeu, que não podemos esquecer: é o

prazer de ver um bom filme, o prazer de ver uma boa produção, a alegria desse aluno, entender que isso é pedagógico, que isso educa. Não é só está falando, com texto em sala de aula, o quadro. Uma aula tradicional é importante em vários momentos. Uma aula expositiva bem dada, clássica, que amarra um conteúdo, em alguns momentos, é importante. O que não dá, é ficar só nisso. Aí eu acho que o filme é um grande aliado, um grande parceiro.

10. Você enfrenta dificuldades para fazer esse tipo de trabalho na escola? De que tipo?

Quando somos mais novos ficamos mais inseguros, porque há um discurso dos próprios alunos até conhecerem nosso trabalho que é: “você vai passar um filmzinho hoje?”, “Vou poder dormir?”. Aí ele começa a ver que não é bem assim. Que o filme traz um monte de discussões; que ao final do filme tem um roteiro e que ele tem que responder várias questões sobre o filme; que isso vale nota também, que é tão importante quanto o outro trabalho, o outro teste ou a outra prova. Então, você começa a criar uma outra mentalidade com os meninos, os alunos, de que ver filme é prazeroso sim, mas que a gente aprende muitas coisas também. A primeira quebra de mentalidade tem que ser dentro do próprio alunado. Constituindo uma mentalidade de que filme pode ser uma coisa prazerosa e séria para trabalhar o conhecimento histórico. O segundo ponto é quebrar às vezes a rigidez de algumas coordenações que encaram assim: “Será que você não está perdendo tempo?”. Eu falo deste modo: “o perder tempo, entre aspas, eu ganho tanto à frente, depois, que vocês não imaginam!” E começar a provar às vezes para novas coordenações ou instituições novas que você esteja trabalhando, de que isso faz os alunos produzirem; mostra o roteiro, que vale nota; que isso faz parte de uma unidade; que é uma metodologia que está sendo trabalhada, junto a uma construção de conhecimento. Então, você começa a ganhar confiança dessa coordenação. O que eu percebo nos lugares novos aonde chego, é que tanto os alunos quanto os coordenadores olham meio desconfiados. Ao final de um ano, a tendência é eles adorarem. Até lá mostro os roteiros, dou algumas explicações sobre a importância disso, muitas vezes, para suprir a falta de clareza teórica. E aí os

alunos já me conhecem como uma professora que passa filmes. “Qual é o filme que você vai passar esse mês?”, eles perguntam.

Extra. Essa dificuldade a que se refere, você tende a identificar mais na área pública ou na área privada?

- Na escola particular. Trabalhei na rede municipal, fui contratada na área federal e trabalho aqui no colégio há 20 anos. Esta maior preocupação, digamos assim, ela é muito marcada na escola particular. Na escola pública, muito pouco, mais assim alguns colegas que às vezes até por curiosidade falam assim: “Mas não fazem (os alunos) muita bagunça?” ou “Não vale a pena passar porque eles fazem muita bagunça e dá muito trabalho!”. Eu acho que dá sim, tem turma que não sabe assistir filme, então é uma boa hora para a gente começar a ensinar que tem que saber calar a boca. Não é possível que em nenhum filme o aluno consiga parar de falar. Então, a gente educa num sentido maior mesmo. Aí dá trabalho. Aqui no colégio, como há uma prática desde a quinta série, e mesmo antes, com os pequenos, quando os alunos chegam no ensino médio, temos muito poucos problemas de disciplina para ver um filme. Já há um hábito. E isso acho que é uma coisa legal. Já faz parte da cultura deles.

Extra. Nos locais em que trabalha, você dispõe de acervo?

- Eu adoraria ter um acervo! O acervo acaba sendo assim: eu brincava com meus alunos de Prática, que um dia eu vou ser presa, de tanta fita pirata! E outras que eu pago mesmo. Alugo nas locadoras, porque eu acredito nisso e faz parte do meu trabalho. Eu já não sei mais trabalhar sem isso. O que achei um ganho... Eu me lembro, que desde 1989 quando eu entrei no município, as escolas, pelo menos as da Zona Sul, já tinham televisão e vídeo. Então, isso já era meio caminho andado, pois tinha a possibilidade de passar. E aí, alguns filmes que eu passava muito, comecei a tentar comprar. Às vezes era difícil. Por exemplo, “O incrível exército de Brancaleone” e “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, eu consegui comprar. Mas tem vários que eu tenho mesmo em fitas piratas. Às vezes, os estagiários me davam de presente. É o caso de “O outro lado da nobreza” e “Rainha Margot”.

11. Qual sua avaliação geral sobre os resultados do uso que você faz dos filmes em suas aulas?

- Eu teria uma resposta de duas amplitudes. Uma, específica no ensino de história, pensando no que esse filme proporciona a eles- uma vivência, entre aspas, de algum momento histórico que eles têm que se remeter e fazer essa reversibilidade temporal que o próprio Le Goff tem uma fala linda: “Entender o tempo é dar mostras de reversibilidade”. Está no texto “Calendário”, da “Enciclopédia Einaudi”. Então, quando ajudamos nosso aluno e ele consegue dar mostras de reversibilidade, o filme é tudo de bom. Porque vai ajudar a construir esse raciocínio histórico, a entender o processo histórico, a entender conjunturas, estruturas, simultaneidade. Então, eu acho ele maravilhoso. No sentido mais amplo, pensando como um educador em geral, eu acho que o filme trabalha o olhar, a estética, a filosofia, a mentalidade, a ver outras culturas, outros povos, outras formas de pensar, outras épocas. E isso, amplia o horizonte do indivíduo de uma forma que a gente não tem nem dimensão. Mais nesta dimensão da formação de sua identidade: mais crítica, mais aguçada, com maior capacidade de observação e de análise sobre o outro, sobre aquele diferente.

Extra. Qual o maior desafio que você vive para dar certo o uso do filme em suas aulas?

- Cada vez mais na cultura e na sociedade que a gente vive, os nossos alunos terem a capacidade de ouvir e ver. Ouvir e ver, mas o ver observando o filme, entrando na história, aprofundando. E neste sentido é saber ficar calado. Cada vez mais as turmas são mais barulhentas. Acho que isto é um sintoma, é um mal, da sociedade neoliberal: todo mundo fala sem parar e ninguém se ouve. Então o filme ajuda. E aí é um exercício enorme, dá mais trabalho sim. Trabalhar com o filme seriamente. Quando você não quer fechar a sala e deixar todo mundo falar. Você quer que os alunos entrem no filme, que o filme traga novos conhecimentos para eles. Você tem trabalho com a disciplina, com a questão de ele saber ouvir, ver alguma coisa, ficar calado. Eu acho isso um grande desafio para gente, mas a mim não me faz desistir de passar filmes não. E vou passar mais [riso].